

# Aborto, religião e bolsonarismo

Crenças e ideologias radicais levam ignorância aos seres humanos. E o presidente da República cria um clima no país capaz de levar pessoas para protestar em um hospital



Glauco Silva de Carvalho

25 de agosto de 2020

Dias atrás, tivemos no Brasil a triste percepção do que é o atraso, o preconceito, o reacionarismo, a intransigência e o radicalismo em suas versões mais aparentes e repugnantes. Uma garota, ou melhor, uma criança de dez anos, abusada sexualmente por um tio, grávida e com autorização judicial para abortar, afora esse evidente vexame e vergonha, justo ela que nada fez e é vítima, passou por um constrangimento impensável numa sociedade minimamente civilizada. Tendo sido o Estado do Espírito Santo incapaz de providenciar um aborto legal e humanizado para a menina, talvez porque o próprio Espírito Santo, em pessoa, tenha orientado todo o corpo médico do Estado a não proceder dessa forma, acabou sendo encaminhada ao Estado do Pernambuco para o procedimento. Surreal, para dizer o mínimo.

Não nutro preconceitos a esta altura da vida. Estou com 54 anos. Sou militar da reserva. Frequentei igrejas protestantes até perto dos 30 anos. Convivi e convivo, de maneira muito tranquila, com amigos ditos “conservadores”, oriundos, em sua maior parte, da Polícia Militar e da igreja evangélica; assim como com os ditos “progressistas”, principalmente da USP. Tento entender diferentes formas do pensamento e do agir das pessoas, sem taxá-las ou estigmatizá-las. E isto me tem feito bem. Mas nem sempre fui assim. Nada que uma boa terapia não possa ajudar.

Na igreja, aprendi que o aborto é pecado. Também é crime, pela legislação brasileira. Aprendi que o homossexualismo é um desvio de caráter e da “natureza humana”, que deveria ser condenado e curado. Aprendi que deveríamos seguir e obedecer aos governos, quaisquer fossem eles e quaisquer fossem suas origens. Aprendi que crente deveria se casar com crente. Aprendi que o “salvo” só poderia fazer sexo depois do casamento. Aliás, aprendi muitas outras coisas que não valem a pena aqui discorrer. Para não ser injusto, aprendi coisas boas também, entre elas a de separar a igreja do Estado (a igreja era do ramo não pentecostal), não roubar, respeitar o próximo e por aí vai.

Minha igreja era tradicional. Fui criado, parte da infância e da adolescência, com pastores norte-americanos. Se as pessoas acham o protestantismo no Brasil radical, não têm a menor ideia do que seja o norte-americano. Ninguém merece o mandamento de ter que casar com alguém da mesma religião. E, pior, esperar o casamento para fazer sexo. Confesso aqui, e que fique apenas entre nós, que pequei. Casei-me com uma católica, em cuja cerimônia uma tia, muito “consagrada”, exigia que minha mãe não fosse à igreja católica, pois seria um pecado terrível! Quanto à idade para perder a virgindade, bom... isso fica para outro momento. Falta-me intimidade com você leitor(a), ainda.

Toda essa explanação para discorrer sobre a ignorância que religiões e ideologias radicais sobrepõem ao ser humano. Uma criança de 10 anos, sendo estuprada desde os seis, não tem sequer o discernimento de saber, àquela altura da vida, o que estava a ocorrer. Pretender que ela mantivesse a gravidez porque um “Deus” assim o quer e deseja é um estupro ao nosso bom senso, à nossa racionalidade, aos nossos princípios e valores civis, bem como ao curso natural da vida. É inexigível que uma criança, em tão tenra idade, tenha condições de suportar a gestação e, depois, venha a criar um(a) filho(a).

Mas a estupidez humana não tem limites, assim como não tem a ignorância do ser humano em sua forma mais primitiva.

Ao ler Quentin Skinner, em *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, vemos como a interpretação da Bíblia, no auge da Reforma Protestante, foi paulatinamente alterada para dar vazão ao movimento de independência do catolicismo, com apoio do segmento político antagônico à Igreja. Os “princípios imutáveis de Deus”, os “valores universais do Deus imutável”, “as verdades absolutas de Deus”, “os preceitos intangíveis de Deus”, “a doutrina infalível de Deus”, sabemos que não são tão imutáveis e absolutas assim. Ainda bem! Como seria draconiano o mundo se adotássemos inquestionavelmente os mandamentos do Velho Testamento. Mas isso demonstra, a par do que o Novo Testamento anulou do Velho (ainda que judeus não acreditem naquele),

como interpretações são mutáveis ao sabor do tempo, da influência política, das mudanças culturais e das modernizações institucionais.

A esta altura, o(a) leitor(a) poderia estar se questionando. Lá vem esse antibolsonarista dizer que foi o Bolsonaro quem mandou aquela pequena turba de insanos ir se manifestar em frente ao hospital, trazendo ainda mais dor, angústia e opressão à uma menina de ingenuidade roubada por um delinquente.

Não, não vou chegar a esse ponto. Ele, provavelmente, não mandou. Mas o clima que o presidente cria no País propicia esse protótipo de comportamento. Ele estimula esse tipo de atitude e tenho a impressão que ele se alegra e se regozija com situações de intransigência e intolerância. Tenho a percepção que a alma dele não saiba o que seja a paz e a tranquilidade. O ódio e a raiva consomem o indivíduo, sugam-lhe as energias e a vitalidade. Nesse ponto, não sei que sentimento tenho em relação a ele. Por vezes de compaixão. Por vezes de repugnância. Tenho a impressão de, por vezes, entender um pouco o que ele sente. Enquanto isso, o país vai se conflagrando, se agastando, se corrompendo, se odiando, se enraivecendo, se destruindo.

Em tempo: sou a favor do aborto até o terceiro mês de gravidez. É um direito da mulher. E do nascituro, que poucos levam em consideração. Não ser amado e acariciado por não ter sido desejado. Com traumas e consequências infundáveis. Às vezes, por toda uma vida.

Para finalizar, reconheço aqui minhas múltiplas descrenças. Se Deus realmente existisse, teria ele permitido, ao Brasil, ter uma Dilma e um Bolsonaro como presidentes? Sei lá, vai ver que ele cochilou um pouco e deu nisso tudo.

#### **Glauco Silva de Carvalho**

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47ny-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y-byzo2-surfn-q8q8j-z62s4>

